

# V Á R I A

## VARIANTES INÉDITAS DE MOEDAS PORTUGUESAS DA 4.<sup>a</sup> DINASTIA

Da Comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Numismática em sessão de 27 de Novembro de 1953.

No prosseguimento da procura de moedas e variantes inéditas da Numária dos Réis portugueses da 4.<sup>a</sup> dinastia, quis o acaso que topasse mais alguns exemplares, dos quais muito gosto tenho em vir dar notícia aos meus ilustres e prezados confrades, por conhecer o interesse que estas *novidades* suscitam entre os coleccionadores e não menos entre os estudiosos.

O conjunto que ora angariei não é de grande volume ou valor. A maior parte das moedas vem referida, ainda que indirectamente, no Catálogo Ferraro Vaz, pois que dizendo respeito a variantes de nomes de monarcas, coroas, etc., é a sua existência mencionada naquela obra pelo menos em anotações de fundo de página. Porém, pròpriamente no que diz respeito ao reinado de D. José I, já Ferraro Vaz classifica, no texto, as variantes de inicial do nome do monarca e as de 4 ou 5 hastes na coroa, na medida em que parece tê-las conhecido à data da publicação do livro. Justo é, pois, que se complete essa classificação com o acrescentamento dos exemplares que o acaso nos venha deparando.

A primeira moeda que assinalo diz respeito ao reinado de D. João IV, na sua qualidade de peça de prata contramarcada pela lei de 1-2-1642 sobre *meio tostão* de D. Manuel I.

Este meio tostão devia ser numisma vulgar na circulação do numérico da época da Restauração e a sua *contramarcagem* está implicitamente ordenada no expresso no n.º 7 da referida lei, onde se diz: «Pôr

*se hão os cunhos... & nos meios tostões velhos. & valerá cada hũ delles tres vinteis...»*

A sua existência com contramarca estará assim justificada; só é para admirar que não tenha sido mencionada no Catálogo Ferraro Vaz, e tal falta de inclusão leva-nos a considerá-la como de bastante raridade.

Segue-se depois um pequeno grupo de moedas de D. José I, variantes a que mais ou menos acima me referi.

Por último aponto dois numismas de D. Maria II, curiosos exemplares que, possivelmente, vêm trazer indicações valiosas para mais completo conhecimento da cunhagem neste reinado.

Eis a relação das moedas, com indicações referentes aos exemplares conhecidos e seus possuidores:

#### D. JOÃO IV

##### *Moeda de prata.*

- 1 — Contramarca 60 sobre meio tostão de D. Manuel I  
 Um exemplar na col. Pinto de Magalhães  
 » » » » Ed. M. v. d. Niepoort  
 » » » » J. Maria Santiago  
 » » » » minha colecção.

#### D. JOSÉ I

##### *Moedas de ouro.*

- 2 — Quartinho, de 1768, com coroa de 4 hastes (IOSEPHUS)  
 Um exemplar na col. Pinto de Magalhães.
- 3 — Cruzado novo, de 1760, (IOSE)  
 Um exemplar na minha colecção.

##### *Moedas de prata.*

- 4 — Tostão, (IOSEPHUS), com coroa de 4 hastes  
 Um exemplar na col. Pinto de Magalhães  
 » » » » Francisco Santos  
 » » » » Pinto de Sousa  
 » » » » minha colecção.

5.— Três vinténs, (IOSEPHUS), com coroa de 4 hastes (1)  
 Um exemplar na col. Pinto de Magalhães  
 » » » minha colecção.

6 — Três vinténs, (JOSEPHUS), com coroa de 4 hastes  
 Um exemplar na minha colecção.

D. MARIA II

*Moedas de prata.*

7 — Dois tostões, de 1836, com serrilha (W. W.)  
 Um exemplar na col. Pinto de Magalhães.

8 — Tostão, de 1836, com serrilha (W. W.)  
 Um exemplar na col. Ed. M. v. d. Niepoort  
 » » » » Pinto de Sousa.

M. RAMIRES.

NOTÍCIA SOBRE UM EXEMPLAR DESCONHECIDO  
 DE UMA MOEDA DE PORTAGEM

Ofereceram-me há tempos uma moeda de  $\frac{1}{2}$  centavo, de portagem da ponte D. Luís I, cunhada em 1913, diferente de todas as comuns por ter maior peso e espessura e ser de metal esbranquiçado, cuja liga não me é fácil de estabelecer precisamente, parecendo, no entanto, cupro-níquel.

O seu peso, 5,15 g., contrasta com o das vulgares que variam entre 2,5 g. e 3 g.; a sua espessura, 1,9 mm., é também muito maior do que a das conhecidas, que vão no máximo até 1 mm..

Procurei indagar da existência de outros exemplares nesta liga metálica, mas, até hoje, não consegui relação de mais nenhum e todas as pessoas conhecedoras são unânimes em dizer que este deve ser único.

Sobre moedas de portagem desta ponte nada consegui ver escrito, tendo, porém, encontrado a respeito de uma moeda de 5 réis da antiga

---

(1) Desenhada no cat. Ferraro Vaz.

Ponte Pênsil, um muito bem documentado artigo do Senhor Armando Couto, publicado no Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto (Ano 1938-Vol. 1.º-fis. 242), onde, com o título «UMA QUESTÃO... DE 5 REIS» se trata da origem de uma moeda de portagem que não chegou a circular por várias dificuldades postas pelas entidades oficiais, mas da qual, existem, no entanto, além do exemplar citado nesse artigo, pelo menos mais dois, um em bronze e outro talvez em liga de zinco-alumínio, que são pertença de dois coleccionadores desta cidade (1).

Na Cartilha de Numismática, do Dr. Pedro Batalha Reis, vem também uma referência a uma ficha da Ponte Pênsil, mas permito-me chamar a atenção para o facto da senha que ali vem reproduzida não ser a da Ponte Pênsil (Fig. n.º 1), mas sim a ficha de 1/2 centavo de 1913, da Ponte de D. Luís I (Fig. n.º 3). Esta referência vem na Est. T. 3 a seguir a pág. 428.

O artigo do Boletim Cultural da C. M. P., a que aludo, traz uma fotografatura da dita moeda e nele se explicam as razões porque se pretendia cunhar a mesma, sendo destacada de entre outras a de que havia escassez de moedas oficiais de 5 réis, pelo que a Empresa da Ponte Pênsil, que cobrava a portagem, se via em sérias dificuldades para fazer trocos.

De facto, e não deixa de ser curioso saber-se, nesse tempo estava em circulação um número muito insignificante de moedas de 5 réis, ou seja um total de 899.863.

Desta quantidade, 183.588 foram cunhadas até à inauguração da Ponte Pênsil, contando neste número as que foram fabricadas em Inglaterra e mandadas pôr em circulação em 1831 pela Regência da Ilha Terceira.

Depois da inauguração, até à data em que se pedia licença para a cunhagem desta moeda de portagem, em 1863, foram postas em giro mais 716.275, prefazendo-se assim o número atrás referido.

É de notar que a última cunhagem de moedas de 5 réis desse tempo se fez em 1854, só se voltando a fazer moedas deste valor em 1867, então já no reinado de D. Luís I.

Foi neste reinado, no ano de 1886, que se inaugurou a ponte de D. Luís I, na qual também se pagavam, como na sua antecessora, direitos de portagem, tendo cada pessoa que a quisesse atravessar de esportular a quantia de 5 réis.

---

(1) Ex.<sup>mos</sup> Srs. Eduard M. van der Niepoort e Coronel Mário Ramires.

Mais tarde, em 1899, para melhor fiscalização do pagamento da portagem e talvez pela razão já alegada pela empresa da anterior Ponte Pênsil, — a dificuldade de trocos —, foi cunhada uma moeda ou ficha com o valor facial de 5 réis, que se tornou conhecidíssima pelo nome de «5 réis da ponte».

Cabe aqui dizer que nessa altura estavam em circulação 27:350.000 moedas de 5 réis, incluindo neste número 1:220.000 cunhadas no ano de 1899, moedas estas que eram as do módulo menor do reinado de D. Carlos, até esta data.

Este número, atentas as necessidades sempre crescentes do desenvolvimento do País, era bastante baixo e tanto assim que nos anos seguintes, até 1907, se cunharam mais 9:910.000 (1).

A moeda ou ficha de portagem feita em 1899 e a que atrás me refiro, comprava-se à entrada da ponte e entregava-se à saída para verificação do pagamento da passagem.

Mas, o que é certo é que ela era também dada em trocos e, saindo assim da ponte, começou a circular tanto na cidade do Porto, como em Vila Nova de Gaia.

E, como tinha garantido o seu valor na portagem, era aceite sem relutância como se fosse moeda corrente.

Tem esta moeda, que é feita em zinco, no anverso, uma mal reproduzida imagem da ponte (o arco assenta no tabuleiro inferior) e os dizeres «PONTE D. LUÍS I-1899-PORTO» e no reverso, dentro de um círculo, o valor «5 RÉIS», estando o número 5 sobreposto a outro maior, (Fig. n.º 2).

Durante muitos anos, até 1913, esteve esta moeda sempre em giro, tendo nesta data, já bastante tempo depois da implantação da República, sido substituída por uma outra de  $\frac{1}{2}$  centavo (valor correspondente a 5 réis), cunhada em metal amarelo e de um mais perfeito fabrico, (Fig. n.º 3).

Nesta nova moeda já a imagem do ponte é mais semelhante, o arco assenta sôbre os pegões, vê-se no tabuleiro superior um carro eléctrico e distinguem-se bem as águas do rio Douro, o morro da Serra do Pilar e o sol nascente.

Os dizeres do anverso são os mesmos da anterior moeda e no reverso, entre uma coroa de ramos de oliveira e carvalho, lê-se: « $\frac{1}{2}$  CENTAVO-1913».

---

(1) Os elementos estatísticos foram extraídos do Catálogo das Moedas Portuguesas, de J. Ferraro Vaz.

Deviam subsistir, à data desta cunhagem de 1913, os motivos que levaram à emissão da anterior ficha de 5 réis, agravados com a supressão das moedas oficiais deste valor, pois o decreto de 22 de Maio de 1911, que remodelou o nosso sistema monetário, não criou uma moeda equivalente.

A menor que estabelecia, era de 10 centavos (valor igual a 100 réis), tendo-se só mais tarde, em 1917 (Lei n.º 679 de 21 de Abril), cunhado moedas de menos valor.

O que atrás se diz e o cada vez maior movimento na ponte, justi-

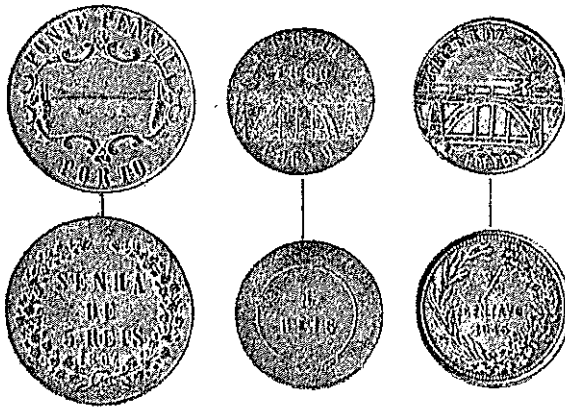


Fig. 1

Fig. 2

Fig. 5

ficam a grande emissão que se fez destas moedas de portagem de  $\frac{1}{2}$  centavo.

E, como consequência desta grande cunhagem, de que ainda hoje existem muitos exemplares, esta ficha, mais do que a sua antecessora de 5 réis, circulou no Porto e Vila Nova de Gaia, quase com foros de moeda corrente.

Pode mesmo dizer-se que se trata, talvez, do último exemplo de uma cunhagem não oficial que entrou na circulação e que abundantemente girou nas imediações do local para onde foi criada e onde tinha garantido valor.

E tão grande foi esta circulação que chegaram a aparecer destas moedas em localidades muito retiradas, onde também não faltava quem

as recebesse, com a certeza da sua troca por dinheiro ou de próxima utilização na passagem da ponte.

Será, por isso, interessante reservar, embora somente como curiosidade numismática, ao lado das nossas colecções, um pequeno lugar para estas moedas de portagem.

Na minha modesta colecção, abro também espaço para a variante de  $\frac{1}{2}$  centavo, em metal branco, que provocou todas estas considerações e cujo cunho é igual ao de todas as que circularam em metal amarelo.

Esta igualdade leva-me a supor tratar-se de uma prova ou de um ensaio de cunhagem que, possivelmente por virtude do mais elevado custo desta liga, não mereceu aprovação.

CARLOS FERNANDO DE SOUSA SANTOS.